

# **Empurrar a Senhora para Casa – o caminho dos peregrinos no culto à Senhora da Saúde em Portugal**

*Pedro Pereira\**

## **Resumo**

A peregrinação desde a Póvoa do Varzim até Laúndos é uma expressão do culto à Senhora da Saúde em Portugal. Presente em mais de trezentos lugares, esta devoção iniciou-se no século XII e se difundiu por todo o país no século XVI. No presente texto, procurar-se-á sustentar que o *movimento de crentes* para lugares sagrados, não é específico deste culto, nem do culto mariano, nem do culto cristão, nem tão pouco é algo recente, sendo isso mesmo evidente no fenómeno *peregrinação*. Ancorado num *trabalho de campo* em setenta e nove lugares de culto, e de 2007 a 2012 em Laúndos, a par de uma rigorosa revisão bibliográfica, procura-se argumentar que o movimento dos crentes, através de viagens de peregrinações, se constituiu como uma dinâmica religiosa primordial na difusão e manutenção deste culto mariano.

**Palavras chave:** Culto mariano; peregrinação; saúde; devoção; imagem.

## ***Pushing the Lady Back Home - the Path of the Pilgrims in the Cult of Senhora da Saúde in Portugal***

## **Abstract**

The pilgrimage to Laúndos starting in Póvoa do Varzim is an expression of worship of Senhora da Saúde in Portugal. Present in more than three hundred places, this devotion began in the twelfth century and spread throughout the country in the sixteenth century. In the present text, we will maintain that the journey of believers to sacred places is not specific to this cult, neither Marian worship nor Christian worship, nor is it recent. This is evident in the phenomenon of pilgrimage. Anchored in a fieldwork in seventy-nine places of worship of the Lady of Health, and from 2007 to 2012 in Laúndos, along with a rigorous bibliographical revision, it is tried to argue that the movement of the believers of the Lady of Health, through pilgrimages, constitutes a primordial religious dynamic in the diffusion and maintenance of this form of Marian cult.

**Keywords:** Marian cult; pilgrimage; health; devotion; image.

---

\* Doutor em Antropologia e Professor Adjunto no Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal. Email: pedropereira@ess.ipvvc.pt

## ***Empujar a la Señora Hasta Su Casa - el camino de los peregrinos en el culto de la Señora de la Salud en Portugal***

### **Resumen**

La peregrinación de Povo do Varzim a Laúndos es una expresión de la devoción a la Señora de la Salud en Portugal. Presente en más de trescientos lugares, la devoción se inició en el siglo XII y se difundió por todo el país a partir del siglo XVI. En el presente texto, se procurará sostener que el movimiento de creyentes hacia lugares sagrados, no es específico de este culto, ni del culto mariano, ni del culto cristiano, ni tampoco es algo reciente, que es evidente en el fenómeno de la peregrinación. Anclado en un trabajo de campo en setenta y nueve lugares de culto de la Señora de la Salud, y de 2007 a 2012 en Laúndos, junto a una rigurosa revisión bibliográfica, se busca argumentar que el movimiento de los creyentes de la Señora de la Salud, a través de viajes de peregrinaciones, se constituye como una dinámica religiosa primordial en la difusión y mantenimiento de este culto mariano.

**Palabras clave:** Culto mariano; peregrinación; salud; devoción; imagen.

### **Nota inicial**

Todos os anos, na manhã do último domingo de maio, milhares de peregrinos caminham cerca de sete quilómetros, desde a Póvoa do Varzim até Laúndos, atrás da imagem da Senhora da Saúde, carregada aos ombros por pescadores. A Senhora da Saúde de Laúndos é uma das mais de trezentas invocações da Senhora da Saúde em Portugal, que desde o século XII compõem a paisagem religiosa portuguesa<sup>1</sup>.

Numa altura em que a religião “é cada vez mais abordada a partir dos parâmetros do movimento - ou pelo menos em relação com a mobilidade humana”<sup>2</sup> (SARRÓ e BLANES, 2009, p. 5), o movimento destes crentes em direção a um lugar sagrado seria suficiente para merecer o interesse de cientistas sociais. Mais ainda, tratando-se de uma invocação da Virgem, cujo culto tem uma expressão religiosa muito intensa em Portugal, estranha-se a exiguidade e a circunscrição de estudos (GIESTA, 1999; 2005). De uma forma mais abrangente, claro que encontramos diversos estudos sobre o culto maria-

---

<sup>1</sup> O relato de terreno presente no capítulo “Senhora da Saúde de Laúndos: relato de uma peregrinação” foi lido, e reproduzido em ata, numa comunicação inserida no 8º Encontro Internacional das Artes – Educação e Sociedade: *Da educação artística, cultural, social - a transversalidade* — AXIS VIANA Business & SPA Hotel Escola Superior de Educação – IPVC (14/dezembro-2012). Agradeço ao meu colega Mário João Braga a revisão o texto.

<sup>2</sup> Veja-se, nomeadamente, a abordagem de D. Hervieu-Léger na sua obra *Le pèlerin et le converti*. Nesta, a autora procura descrever aquilo que designa como “figuras do religioso em movimento”: o “peregrino” e o “convertido” (2005).

no (por exemplo, WOLF, 1958; HARRIS, 1999; TWEED, 2002; CLAVERIE, 2003; APOLITO, 2005; HERMKENS, JANSEN e NOTERMANS, 2009), bem como sobre as peregrinações a lugares de culto da Virgem, podendo destacar-se a coletânea de textos *Moved by Mary – The Power of Pilgrimage in the Modern World*, de Anna-Karina Hermkens, Willy Jansen e Catrien Notermans (2009). Todavia, seja no culto mariano em geral, seja no culto específico à Senhora da Saúde, é evidente a disparidade entre a investigação desenvolvida e a dimensão da devoção.

No presente texto, pretende-se, desde logo, sustentar que o *movimento de crentes* para lugares sagrados não é específico deste culto, nem do culto mariano, nem do culto cristão, nem tão pouco é algo recente, sendo isso mesmo evidente no fenómeno *peregrinação*. De facto, como bem lembram Ramon Sarró e Ruy Blanes, é fundamental evitar o falacioso pressuposto de que no “passado a religião e a mobilidade não se associavam” (2009, p. 6). Por outro lado, ancorado num *trabalho de campo* em setenta e nove lugares de culto da Senhora da Saúde (PEREIRA, 2008, 2014-a, 2014-b, 2014-c, 2016, 2017; PEREIRA e BRAGA, 2017), e de 2007 a 2012 em Laúndos, a par de uma rigorosa revisão bibliográfica, procura-se argumentar que o movimento dos crentes da Senhora da Saúde, através de viagens de peregrinações, se constitui como uma dinâmica religiosa primordial na difusão e manutenção deste culto mariano. Aliás, não fora a sua prevalência local, tornar-se-ia mais evidente que a devoção à Senhora da Saúde se constitui como um dos maiores cultos religiosos em Portugal.

## **1. Culto da Senhora da Saúde em Portugal**

O culto a uma figura feminina poder-nos-ia levar até às *vénus aurinhacenses* do Paleolítico (LEROI-GOURHAN, 1987, p. 195) ou culto das deusas-mães (JAMES, 1960; MARKALE, 1997; NEUMANN, 1963; PRZYLUKSKI, 1950), algumas das quais substituídas pela Virgem Maria (TURNER e TURNER, 1978), como aconteceu em Portugal, ou mesmo ainda antes da fundação do reino de Portugal, onde o culto a Maria se sobrepôs a cultos de Deusas, como Ceres e Ísis<sup>3</sup>.

De facto, o culto mariano tem uma expressão intensíssima no territó-

---

<sup>3</sup> Um santuário dedicado à Deusa Ceres, na região da atual Guimarães, terá sido *purificado* por São Tiago, aquando da sua passagem pelo Ocidente, e consagrado à Virgem (AGUIÃ, 1996, p. 107). Na Sé de Braga, São Pedro de Rates substituiu o culto de Ísis pelo culto da Virgem (PIMENTEL, 1899, p. 3).

rio português. Das duzentas e dezasseis romarias estudadas por Pierre Sanchis, noventa e nove são dedicadas à Virgem (1977, p. 56)<sup>4</sup>, dos cento e setenta e quatro santuários existentes em Portugal, cento e trinta e um são marianos, ou seja, três quartos dos santuários portugueses são marianos (LIMA, 1997, p. 347). A estes dados podemos acrescentar a existência de quase mil invocações da Virgem em Portugal, sendo uma delas a Senhora Saúde.

Ainda que a referência mais antiga do culto da Senhora da Saúde date do século XII, concretamente, pelo menos, de 1176, reportando-se a uma imagem, “de grande veneração”, que ainda hoje existe na Sé do Porto (SANTA MARIA, 1716, p. 8-10), é particularmente no século XVI, em Lisboa, que o culto da Senhora da Saúde ganha relevo. Em 1569, para fazer face à peste que atingiu a cidade foi pedido o auxílio da Virgem e como agradecimento pelo debelar da epidemia foi criada, em 1570, a Procissão de Nossa Senhora da Saúde. Deste modo, terá sido a partir de Lisboa que, pelo menos numa fase inicial, o culto da Senhora da Saúde se terá expandido para outras regiões do território português. Em alguns casos a crença chegou mais rápido e mais longe do que a epidemia que esteve na sua origem, fazendo deste culto seguramente um dos maiores do nosso país<sup>5</sup>. Apesar de tudo, deve notar-se que o culto à Senhora da Saúde, não se circunscreve ao território português podendo notar-se referências ao seu culto concretamente em países mediterrânicos e em países da América Latina, colonizados pelos conquistadores ibéricos: Espanha (San Felú de Pallerols, Gerona; Terrades, Gerona; Barbatona, Gualadajara; Barcelona; Sabadell; Tarragona; Alcañices, Zamora; Algemesí, Valencia), França (Carcassonne; Fécamp, Seine Maritime e Itália (Veneza; Catene; Góito, Montova), quer, do outro lado do Atlântico, na América Latina, em países como o Brasil (Rio de Janeiro; Penaforte, Ceará; São Salvador da Baía; Alvorada, Rio Grande do Sul; Lagoa Santa, Goiás; Santo António da Patrulha, Porto Alegre; Dom Silvério, Belo Horizonte; Tacaratu e Recife, Pernambuco; Vila Mariana, S. Paulo; Poços de Caldas, Minas Gerais), a Argentina (Buenos Aires), a Colômbia (Bojaca) e o México (Patzcuaro, Michoacan)<sup>6</sup>.

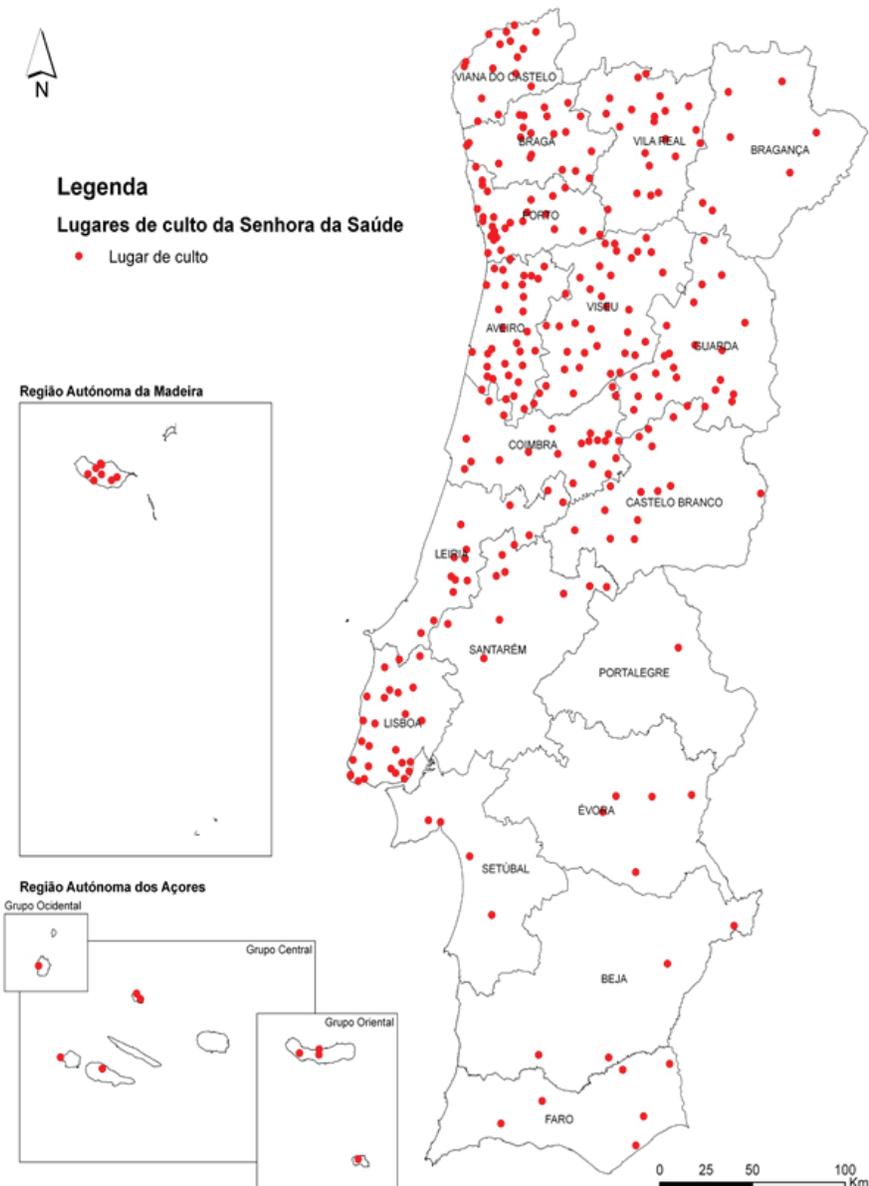
Em Portugal, na atualidade, o culto à Senhora da Saúde está presente em mais de trezentos e dezassete lugares (ver mapas que se seguem). Não

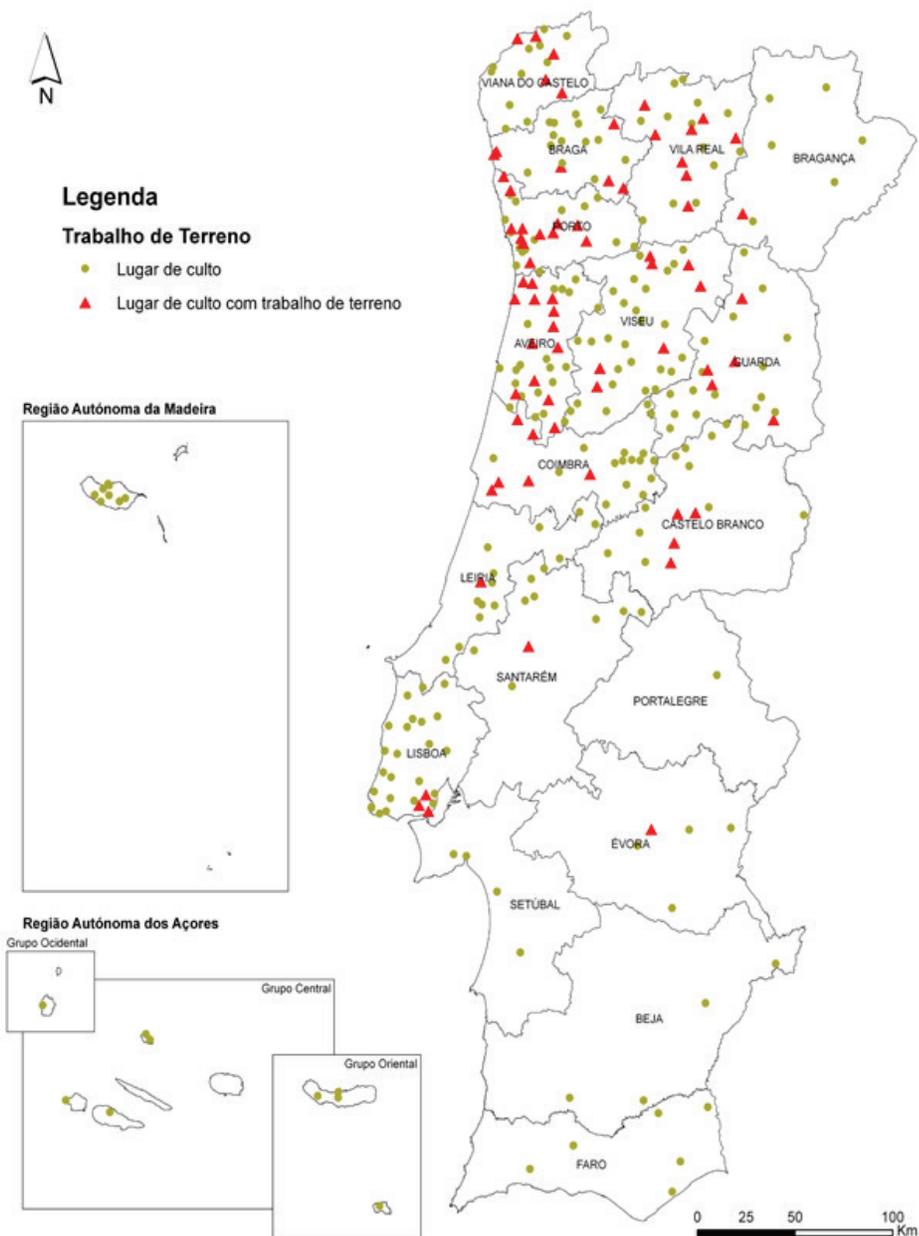
<sup>4</sup> Das restantes oitenta e três são dedicadas a um santo e vinte a Cristo (SANCHIS, 1977, p. 56).

<sup>5</sup> Numa extensa obra, *Romarias I e II*, J. Vasconcelos apresenta “Um Inventário dos Santuários Portugueses” (1996 e 1998). No mesmo trabalho, o mesmo antropólogo sustenta que o título de *Senhora da Saúde* é “o mais comum nos santuários marianos portugueses” (1998, p. 290).

<sup>6</sup> Também encontramos referências ao culto à Senhora da Saúde em Malta.

fora a sua dimensão predominantemente local, seria mais evidente de que se trata de um dos mais expressivos cultos marianos em Portugal, bem evidente nos milhares de peregrinos que todos os anos, desde 1946, partem da Póvoa do Varzim em direção ao santuário da Senhora da Saúde de Laúndos (LOPES, 1984, 2003, 2006).





## **2. Religião em movimento: a peregrinação**

De facto, o *movimento de crentes* traduz-se numa *viagem feita por devoção a um lugar sagrado*, apresentando uma grande *abrangência* religiosa, cultural, geográfica e temporal, levando alguns autores (ROUSSEL, 1954; DUPRONT, 1987) a sustentar a universalidade deste fenómeno e uma grande *convergência* para um conceito: *peregrinação*. Etimologicamente, a palavra peregrinar provém do latim, da junção da proposição *per*, que significa *através* ou *por*, e do nome *ager*, que significa *campo, território, região* ou *país*. *Peregrinar* significa, então, “viajar pelos campos, viajar do ou para o estrangeiro, viajar para longe” (FERREIRA, 1995, p. 66, 845, 850). Desta dimensão profana que vigorava no mundo romano, onde o peregrino era considerado estrangeiro, chegamos à dimensão sagrada da peregrinação, que para uns já faz parte do significado da palavra desde a segunda metade do século VII, com o *Itinerarium Antonini Placentini* (MESLIN, 1988, p. 177), mas para outros apenas a partir do século XI a peregrinação passa a designar “uma viagem individual ou colectiva a um lugar sagrado, que se efectua por motivos religiosos e com um espírito de devoção” (RAPHAËL e HERBERICH-MARX, 1997, p. 1976). Aliás, é a devoção que permite a distinção peregrinações para outro tipo de viagens a lugares sagrados (ROUSSEL, 1956, p. 5-7), ainda que a devoção possa estar associada a outras motivações, como o lazer, e traduzir-se no turismo religioso.

Podemos detetar o movimento de crentes no antigo Egipto, com as peregrinações a cidades santas, particularmente a Abidos<sup>7</sup>. Os hititas e houritas, bem como os babilónios, faziam diversas peregrinações, destacando-se, neste último povo, a peregrinação à cidade do deus mais importante: Marduk. Entre os hebreus, com a peregrinação a Jerusalém, nas três festas relacionadas com o Ciclo da Natureza<sup>8</sup>; na Índia, desde há dois milénios que as peregrinações a lugares da natureza são frequentes<sup>9</sup> (DELEURY, 1987, p. 1407); Buda,

---

<sup>7</sup> O santuário de Abidos foi dos mais famosos do país e era nele que se encontrava a cabeça de Osíris, guardada num relicário (ROUSSEL, 1954, p. 13). Existem também referências a peregrinações póstumas que os mortos faziam a Abidos e ao Deus Osíris, rei dos mortos e regente da eternidade (ANDREU, 1987, p. 1407).

<sup>8</sup> Para os hebreus há três festas de peregrinação associadas ao ciclo da natureza. A festa do pão de ázimo (Mazoth), a festa das semanas ou pentecostes (Shabuath) e a festa das tendas ou tabernáculos (Sukkoth). Esta última é a mais importante, sendo por vezes chamada a *festa de Javé*. As duas primeiras realizam-se na primavera e a terceira no outono (BRIÈRE, 1995, p. 25).

<sup>9</sup> Em termos concretos, para além da famosa peregrinação a Pandharpur, é possível destacar a peregrinação a Prayag (a moderna Allahabad). A esta cidade do norte da Índia, situada na confluência dos rios sagrados Ganges e Yamuna, chegam milhares de peregrinos que procuram banhar-se nas águas dos rios com enorme devoção, para assim obterem importantíssimos méritos como: “redenção dos pecados, acesso ao céu e até libertação da roda dos nascimentos e das mortes” (HULIN, 1997, p. 387-388).

antes da sua morte, definiu quatro importantes lugares de peregrinação<sup>10</sup>; na Antiguidade Clássica, os gregos e os romanos faziam diversas peregrinações a diversos santuários. No Islão existem particularmente dois tipos de peregrinações: os *ziyârat* e o *hajj*<sup>11</sup>.

Em outros espaços geográficos e culturais, como o continente americano, algumas civilizações já desaparecidas, como a Maia, a Asteca e a Inca, tinham entre as suas práticas religiosas a peregrinação (ROUSSEL, 1954, p. 309-310). De igual modo, é possível encontrar a peregrinação em povos como, por exemplo, os huichol (México), os lunda (Angola, Congo e Zâmbia), os shona (Zimbabué) (Turner, 1978) ou os maori (Nova Zelândia) (SINCLAIR, 1992).

As peregrinações cristãs só começaram a ser mais relevantes a partir do século IV, altura em que o cristianismo se tornou religião de Estado, e incidiram essencialmente em duas cidades: Jerusalém<sup>12</sup> e Roma<sup>13</sup>. Ao longo da Idade Média, as peregrinações em causa tiveram, certamente, o seu apogeu com o assinalável sucesso de santuários já conhecidos e com a criação imparável de novos centros de peregrinação. Segundo Roussel,

os prodígios, as *aparuições*, as relíquias, as cinzas ou a vida edificante dos santos suscitam todo um cortejo de lendas repetidas, de milagres amplificados, de construção de capelas ou igrejas que estimulam a piedade de multidões maravilhadas (1956, p. 99).

<sup>10</sup> Antes de morrer, Buda sugeriu quatro grandes lugares de peregrinação: “o parque de Lumbini, onde nasceu; Bodh-Gaya, com a árvore de *bodhi*, onde teve lugar o seu despertar; o parque de Benarés, onde pronunciou o primeiro sermão depois do seu despertar; o pequeno bosque da Completa Extinção em Kusinagara” (DELAHOUTRE, 1987, p. 1406-1407). Para além disso, existem outros lugares de peregrinação onde o budismo se implantou: no Sri Lanka, com dezasseis lugares de peregrinação especialmente sagrados; na Tailândia, com doze lugares ligados ao ciclo do calendário dos doze anos; na China, com quatro montanhas sagradas; no Tibete, com grande número de circuitos rituais a lugares sagrados; o Japão também possui inúmeros lugares sagrados de peregrinação (BOORD, 1999, p. 31).

<sup>11</sup> Os *ziyârât* são as peregrinações locais em honra de santos e o *hajj* é a peregrinação a Meca, sendo esta obrigatória para todos os muçulmanos.

<sup>12</sup> Os lugares que atraem mais peregrinos são as basílicas de *Anástasis* (Santo Sepulcro), de *Martyrium* (Calvário), de *Eleona* (Planalto da Ascensão) e de *Sion* (Memória de Pentecostes) (ROSSO, 1995, p. 1038).

<sup>13</sup> Os túmulos de São Pedro e São Paulo seduzem muitos peregrinos, não menos aliciados pelas indulgências que os Papas concediam, de forma proporcional ao caminho percorrido, àqueles que fizessem a viagem (ROUSSEL, 1956, p. 13).

Assim, as relíquias relativas a Cristo, a Maria e aos santos eram utilizadas por clérigos para aumentar o lucro das instituições que acolhiam as relíquias, visto propiciarem uma maior afluência de peregrinos que pretendiam também indulgências. Ainda que o elevado número de relíquias propiciasse uma proliferação dos lugares de peregrinação ao longo da Idade Média, um número muito acentuado de peregrinos convergia para Jerusalém, Roma e Compostela<sup>14</sup>. A peregrinação ao túmulo de São Tiago, na Galiza, iniciou-se no século IX, tendo angariado peregrinos de uma forma crescente até ao século XVI, altura em que perdeu algum fulgor, ainda que continue a ser um grande centro cristão de peregrinação<sup>15</sup>.

As peregrinações marianas começaram a adquirir visibilidade ao longo dos séculos XI, XII e XIII, atraindo cada vez mais devotos a santuários já existentes, que se reavivavam<sup>16</sup>. Era quase sempre em torno de uma estátua da Virgem que o culto se solidificava (SIGAL, 1995, p. 173), pois ainda que tivessem sido descobertas algumas imagens da Virgem com o Menino, o mais frequente era o aparecimento da Virgem sozinha (DUPRONT, 1987, p. 1402).

A partir do século XV dá-se um declínio das peregrinações, devido, em primeiro lugar, à Reforma Protestante<sup>17</sup> que, ao cindir a Cristandade, diminuiu o conjunto dos envolvidos em peregrinações e, muito mais tarde, devido ao impacto da Revolução Francesa<sup>18</sup>. Desde a segunda metade do século XIX que o acentuado florescimento dos santuários de peregrinação marianos promovido

---

<sup>14</sup> No caso das duas primeiras cidades, pelos motivos já referidos, ainda que se deva acrescentar outra motivação no caso das peregrinações a Roma, que no ano jubilar de 1300 recebeu um elevado número de peregrinos, devido à indulgência plenária que o Papa Bonifácio VII concedia a quem tivesse realizado a viagem (PEREZ, 1993, p. 534).

<sup>15</sup> O último grande centro de peregrinação da Idade Média foi Compostela, um dos lugares mais a Ocidente da Europa, sendo a peregrinação ao túmulo de S. Tiago de grande importância no processo de Reconquista Cristã. As estradas que existiam, desde a época romana, traziam peregrinos de diversos lugares (MATTOSO, 1997, p. 364-367).

<sup>16</sup> Os séculos XII e XIII foram o tempo do triunfo do culto mariano (Le GOFF, 1995, p. 42).

<sup>17</sup> Assim, os ataques às peregrinações, consideradas “viagens odiosas e inúteis”, feitas por humanistas cristãos e outros escritores (PEREZ, 1993, p. 534), eram seguidos pelos protagonistas da Reforma Protestante. Para estes, o culto das relíquias dos santos aproximava-se dos cultos pagãos e não deveria ser alvo da devoção cristã. Isto levou a que reformadores, como Lutero, condenassem as peregrinações por estas decorrerem do culto às relíquias e por se considerar ser falsa a piedade dos peregrinos (SAUZET, 1995, p. 236).

<sup>18</sup> Em 1790, foram dissolvidas as congregações religiosas e, em 1793, as imagens foram mesmo atiradas para a fogueira em várias cidades de França (PEREZ, 1993, p. 534-535). Depois, com as guerras que se sucederam à Revolução Francesa, a prática da peregrinação tornou-se difícil, bem como a criação de novos santuários (ROUSSEL, 1956, p. 103-104).

ativamente pela Igreja Católica, como é o caso de Fátima, foi contribuindo, com os seus cerca de quatro milhões de peregrinos por ano<sup>19</sup>, para ofuscar outros lugares de peregrinação<sup>20</sup>.

### 3. Movimentos dos crentes na Senhora da Saúde

Um pouco antes da Implantação da República, o escritor Alberto Pimentel afirmava que as romarias e peregrinações “desde o princípio da monarchia foram uma expansão necessária á fé tradicional da nossa gente” (1899, p. 170). Efetivamente, o culto da Senhora da Saúde desenvolveu-se com a *deambulação de pessoas por motivações devocionais* em sintonia com o movimento da doença epidémica, a peste. É provável que esta se tenha dirigido desde Veneza até Lisboa acompanhando o tráfico de mercadorias, mas é certo que alastrou tanto para norte como para sul desta cidade disseminada por famílias fugitivas do flagelo (PIMENTEL, 1899, p. 172-175). Nesta *boleia* dos fugitivos seguiu também o culto à Senhora da Saúde, cuja imagem, em Lisboa e noutros lugares, seguiu no movimento de procissões, à *boleia* dos ombros de peregrinos, também em movimento.

As procissões da Senhora da Saúde são bastante frequentes, nomeadamente no dia da festa dedicada à Senhora de cada lugar. Em 1570, em Lisboa, a iniciativa da procissão resultou de uma decisão do Senado da Câmara em ação de graças à Virgem por ter debelado a peste que havia deflagrado nesse ano e no ano anterior (GIL, 2003, p. 304). Noutros lugares, como em Muro (Sever do Vouga) e Bustelo (Penafiel), os crentes seguem o andor da Senhora da Saúde num curto e plano percurso desde a capela até um cruzeiro, contornando-o e fazendo o percurso inverso. Em alguns lugares com percursos curtos e planos, por vezes, estão presentes *elites religiosas e políticas* do lugar e da região. Por exemplo, em 2008, no Martim Moniz, em Lisboa, estiveram presentes, numa cerimónia presidida por D. Januário Torgal Ferreira (Bispo das Forças Armadas), a esposa do Presidente da República e o Presidente da Câmara de Lisboa. Habitualmente o presidente da Câmara da Maia está presente nas cerimónias da Senhora da Saúde de Gueifães, uma freguesia deste concelho. Na festa de Nossa Senhora da Saúde vários organismos católicos,

<sup>19</sup> Os santuários marianos apresentam-se não só em grande número como também recebem um grande número de peregrinos por ano, por exemplo: Guadalupe (7 milhões), Lourdes (4,5 milhões) e Aparecida (6 milhões).

<sup>20</sup> Como já foi referido anteriormente, as proclamações por parte da Igreja Católica dos dogmas da Imaculada Conceção de Maria (1854) e, mais tarde, da Assunção de Maria (1950) foram bastante importantes para o desenvolvimento do culto mariano.

autoridades civis e religiosas, percorrem o caminho até ao Santuário (GIL, 2003, p. 434).

Noutros lugares, como Vale (Vieira do Minho) e Touvedo (Ponte da Barca), o referido séquito percorre uma geografia bem mais inclinada, apesar de não ser muito longo. No primeiro caso, os crentes viajam da capela da Senhora da Saúde até aos limites da freguesia e depois fazem o percurso inverso. No segundo caso, os crentes fazem o percurso desde a igreja matriz até à capela da Senhora da Saúde. Igualmente partindo da igreja para a capela, no dia da festa, os devotos da Senhora da Saúde de São Clemente de Sande (Guimarães), habitantes locais ou de outras freguesias, mesmo de concelhos vizinhos, caminham cerca de uma hora até chegarem à capela da Senhora da Saúde (BARROSO, 2004, p. 157).

Por vezes, o caminho percorrido pelos crentes e pelo andor da Senhora da Saúde pretende ter um efeito terapêutico. Em Andreus (Sardoal), aquando da

epidemia da pneumónica, os crentes fizeram uma procissão até à capela da Senhora da Saúde, para pedirem à santa que os livrasse da doença. Para chegar à capela, as pessoas tinham que passar por uma ponte e, dizem os antigos, que quem atravessou a ponte não morreu desta doença (JANA, 1997, p. 75).

Relativamente à Senhora da Saúde de Montemor (Loures), quando, entre 1832 e 1834, eclodiu um surto de *cholera morbus*, o povo pediu a vinda da imagem de Montemor para a igreja de Loures, e o povo acompanhou o andor que transportou a milagrosa imagem até à igreja matriz (VAZ, 1986, p. 93-94).

Como os lugares do culto da Senhora da Saúde se situam, frequentemente, em pontos altos, o acesso pode constituir, nestes casos, uma dificuldade. Podemos notar isto mesmo expresso em quadras dedicadas à Senhora da Saúde. Em Valezim (Seia), no íngreme acesso à ermida, as pessoas dirigiam-se à Senhora com esta quadra: “Ó Senhora da Saúde; *Vinde abaixo, dai-me a mão: - A ladeira é comprida; Não me ajuda o coração.*” (BIGOTTE, 1992, p. 683). As dificuldades em aceder ao lugar sagrado estão bem notórias na descrição que José Tavares faz do movimento dos crentes da Senhora da Saúde da Serra (Vale de Cambra) que partem da beira-mar:

É espantosa a resistência dos romeiros da beira-mar, que fazem todo o percurso, de cinco, seis e mais horas, a pé, a gente moça sempre a cantar e a dançar, aos magotes, grande parte do tempo através da Serra, por árduos e íngremes caminhos de cabras, afrontando, com incrível estoicismo, já as

calmas, já os ventos e chuvas. Saem de casa alta noite e vão amanhecer já à vista, bem próxima, da capela da Santa (1946, p. 308).

Atendendo à grande dimensão de culto desta Senhora da Saúde que, neste caso, vai para além do *local*, chegavam devotos da *região* circundante ao santuário, como se pode notar pela descrição de José Tavares:

pelo menos há cinquenta anos, os romeiros acorrem à Senhora da Saúde nos dias 13, 14 e 15 de Agosto. De ordinário, os que vão no dia 13 regressam em 14, e os que vão no dia 14 voltam para casa em 15. Os dois primeiros dias são para os de mais longe – para os «marinhões» (Murtosa, Veiros), para os de Estarreja, Pardilhó, Avanca, Válega, Loureiro, etc.; o dia 14 para os romeiros de mais perto – Oliveira de Azeméis, Vale de Cambra e Macieira, Sever do Vouga, etc.; o último dia é o da festa destinada propriamente aos povos da região (1946, p. 38).

A relação com um dado culto local da Senhora da Saúde não exclui a relação com outros cultos com a mesma invocação quer em sítios próximos quer afastados. Como me disseram alguns habitantes de Muro (Sever do Vouga), presentes na festa da Senhora da Saúde, era frequente participarem também na festa da Senhora da Saúde da Serra (Vale de Cambra), a cerca de vinte quilómetros de distância. Devotos da Senhora da Saúde de Touvedo (Ponte da Barca), nascidos neste lugar e, agora, habitantes no mesmo, falaram da sua devoção pela Senhora da Saúde do Martim Moniz (Lisboa), distante uns quatrocentos quilómetros, nos anos em que estiveram a trabalhar na capital. A estes *migrantes* podemos acrescentar muitos outros que fazem viagens ainda mais longas para participar na festa da Senhora da Saúde da sua terra, particularmente quando esta se realiza em agosto. Por exemplo, em Touvedo, em mais do que um ano, durante a festa, ao longo da caminhada desde a igreja matriz até à capela da Senhora da Saúde, pude ouvir vários pais a falar francês com os filhos. Em português, frequentemente enquanto caminhávamos, em diversos outros lugares, diversos outros crentes relataram-me a importância da participação na festa da Senhora da Saúde da sua terra. Muitos emigrantes participam economicamente na organização da festa, depois percorrem, por vezes, milhares de quilómetros, para participar fisicamente na festa. Aliás, como acontece em diversos lugares, tal como na Senhora da Saúde de Longa (Tabuaço), os festejos a que os emigrantes assistem e em que participam são “em grande parte custeados por eles” (MONTEIRO, 1991, p. 442). À

grande romaria da Senhora da Saúde de Saudel (Sabrosa) chegam peregrinos de “todo o País e do estrangeiro, nomeadamente, os residentes nos Estados Unidos da América, Suíça, França, Luxemburgo, Brasil, etc”. (GIL, 2003, p. 432). As marcas denunciadoras destas longas viagens estão no uso da língua estrangeira, nas notas estrangeiras presas nas fitas do andor da Senhora da Saúde, mas também nos carros com matrículas de outros países.

Todo este movimento de pessoas associado ao culto da Senhora da Saúde faz com que lugares, hoje, com pouca população, às vezes com menos de uma centena de habitantes, comportem, no período da festa, centenas de pessoas, por vezes mais. Por exemplo, em Carvalhal da Mulher (Tondela), a quinze de agosto, no dia na festa, a aldeia tem bem mais do que os cerca de cinquenta habitantes que a compõem nos outros dias do ano.

Apesar das dificuldades, então sentidas em termos de locomoção, a aproximação aos lugares da Senhora da Saúde, era vivida, outrora, de um modo festivo. Apenas como ilustração dessa componente festiva da *viagem devocional*, veja-se uma descrição relativamente à Senhora da Saúde de Muro (Sever do Vouga).

É que dantes as pessoas deslocavam-se a pé, em grupos ou rusgas, a cantar e a dançar acompanhados pela música de instrumentos populares, a que poderíamos chamar as tocatas, tais como: o ‘pífaro’ feito de cana ou de pau de sabugueiro, o bombo, a pandeireta, os ferrinhos, a harmónica ou a concertina, a flauta, etc. instrumentos característicos exibidos durante os folguedos no percurso (ida e regresso) e nos locais dessas romarias. Lembramo-nos dessas ‘rusgas’ e também participámos em algumas, na nossa juventude. Essas romarias e suas ‘rusgas’ eram muitas vezes pretexto para iniciar ou solidificar romances amorosos. E não raro acontecia, antigamente, haver desordens, provocadas por caceteiros quase diríamos profissionais, que para elas iam já com objectivos bem definidos de gerar pancadaria, ou por ciúmes e até por excesso de consumo de bebidas alcoólicas. Eram as romarias também ocasião oportuna para se mostrar o vestido apropriado e levar, na típica cesta de asas, o almoço (então dizia-se jantar) e/ou a merenda (TAVARES, 1989, p. 178-179)<sup>21</sup>.

Também em festa, iam crentes desde a Aguçadoura até à Senhora da Saúde de Laúndos (Póvoa do Varzim), como se pode notar pela descrição que se segue:

---

<sup>21</sup> Note-se que este ambiente lúdico não se perdeu nos dias de hoje, embora esteja presente de modo muito mais controlado.

No sábado da festa, como o santuário da Senhora da Saúde ficava perto, romeiros havia que se davam ao luxo de irem nos carros de bois ou nas carroças, onde levavam os merendeiros. Seguíamos o caminho de Navais que, passando por Terroso, os levava a Laúndos. Os que iam a pé, encurtavam o caminho por carreiros conhecidos, por meio das bouças, cantando e dançando para esquecer as agruras do trabalho dos outros dias (BORGES, 1990, p. 268).

A peregrinação à Senhora da Saúde de Laúndos (Póvoa do Varzim) começou em 1946, por iniciativa do então Prior da Póvoa de Varzim, Monsenhor António Cândido Pires Quesado, que “pretendia tornar os seus paroquianos mais devotos de Maria” (LOPES, 1984, p. 141). Esta peregrinação tem significativo alcance e se era “nos anos cinquenta do século XX uma romaria obrigatória dos poveiros” (LOPES, 2006, p. 144), frequentada por habitantes dos concelhos limítrofes, como Aguçadoura, hoje continua a atrair muita gente. Trinta mil, quarenta mil peregrinos, são números frequentemente avançados, e a expectativa para 2012 veiculada no Jornal de Notícias era mais elevada – “50 mil esperados na Senhora da Saúde – Póvoa do Varzim” (2012, p. 19). O trabalho de terreno não permitiu aferir a presença deste número de peregrinos, mas tornou possível analisar a *experiência de peregrinação*.

#### **4. Senhora da Saúde de Laúndos: relato de uma peregrinação**

Nove da manhã. Num singular magnetismo, com raio de influência de cerca de dez quilómetros, parece que todos aqueles que pisam os caminhos próximo do Santuário da Senhora da Saúde são atraídos até lá, Laúndos. Muitos formam um extenso cortejo atrás do andor que parte da Póvoa do Varzim. Há outros que partem antes do andor e chegam a Laúndos antes da imagem da Senhora da Saúde. Há até alguns que se cruzam com a sua imagem, quando fazem o percurso inverso. Mais uma vez os pescadores do barco *Senhora da Saúde* carregam o andor, levando-a de volta. O longo séquito que o segue parece *empurrar* a Senhora para *casa*.

Há pais que empurram carrinhos de crianças que ainda não andam; há filhos que empurram cadeiras de rodas de pais que já não andam. Carlos é sapateiro e, como outros, também empurra um carrinho com a filha. Paula é a mulher, trabalha com ele, foi ela que o *empurrou* para a estrada. De sapatos percebe ele, ela ajuda; da crença e da saúde percebe ela, ele ajuda. “Fui mais

eu quem prometeu”, diz-me Paula, e descreve a aflição<sup>22</sup>: “foi durante a gravidez que surgiu um problema, foram uns quistos que apareceram na cabeça da menina”. Paula fez a promessa à Senhora da Saúde, “porque se era saúde tinha de ser a Senhora da Saúde”, e na ecografia seguinte os quistos tinham desaparecido. “Os médicos não fizeram nada, foi a nossa fé na Senhora da Saúde que ajudou que a menina não tivesse nada”. Paula avançou para a estrada, antes da menina nascer e depois, com a menina ao colo, subiu até ao Santuário de São Félix, por uma longa escadaria que liga a Igreja da Senhora da Saúde ao cimo do Monte de São Félix.

Jorge tem cerca de trinta e cinco anos e empurra o pai, Alberto, que há cerca de vinte cinco anos teve um acidente e ficou numa cadeira de rodas. Fazem a peregrinação desta forma há cerca de quinze anos. Falta ainda o filho de Jorge, talvez dez anos, que viaja ao colo do avô. Ainda mais novo, com quatro, Jorge fazia a peregrinação com a mãe; depois, afirma, “na adolescência, passei a vir com o meu pai”, e hoje vem por “tradição, devoção”, mas “o objetivo principal é contribuir para o bem-estar do meu pai”. Alberto vem pedir à Senhora pela sua saúde – “se não me curar, pelo menos me dê saúde, para estar cá mais uns anos”. Mas, para além da ajuda divina, será necessária a ajuda humana na parte final do percurso, porque “o pior é a subida”, a íngreme subida da Avenida da Senhora da Saúde, mas “há sempre alguém que ajuda, e a minha mãe, que vem aí atrás, vem ajudar também”. Podiam fazer um percurso ligeiramente mais longo, mas bem menos inclinado, mas querem calcorrear o caminho que a Senhora da Saúde fez, ainda que só a vejam quando chegarem a Laúndos. “Quando chego lá e vejo a Senhora da Saúde vem-me sempre a emoção”, diz-me Alberto, continuando, “no fim, quando retorno a casa, sinto-me mais aliviado, sinto um alívio espiritual; se vier a cura, melhor, mas de qualquer forma venho satisfeito”.

Muitos *empurram-se a si próprios*. Júlio está cada vez mais afastado do andar da Senhora, que já está fora do alcance do seu olhar. Ele que estava tão próximo dele quando partiu da Póvoa, junto à Misericórdia. “Eu venho a primeira vez a pé à Senhora da Saúde, a minha mulher costuma vir todos

---

<sup>22</sup> V. Skultans sustenta que a aflição pode ser pensada como o resultado da agência humana ou divina. Deste modo, a aflição pode resultar das maquinações malévolas de outro ser humano, mas também os agentes divinos podem interferir e causar danos na vida dos humanos, provocando-lhe aflição (2005, p. 56-57). Mas, como lembra a mesma antropóloga, “a aflição tem uma diversidade de significados” (2005, p. 59). Neste trabalho partimos de uma perspectiva *emic* para definir o conceito de *aflição*. De uma forma geral, para os crentes, *aflição* é tudo aquilo que possa pôr em causa o seu bem-estar e o da sua família.

os anos”. O cansaço junta-se à doença, convivendo no seu rosto que quase transborda de emoção quando, em andamento, lhe pergunto o que é que o faz andar. Ablanda um pouco o passo, abrandamos um pouco o passo, e é nesta sintonia que ele me confia: “tenho problemas de saúde e venho pedir à Senhora da Saúde se me dá mais um bocadinho de saúde”. O cansaço parece ser combatido com as expectativas para a peregrinação.

Fazer este percurso vai fazer-me bem à saúde, vai fazer-me sentir mais puro. Vai-me fazer muito bem. Faz-me muito bem. Primeiro vai fazer-me bem para a doença que eu tenho, porque sou diabético, e faz-me bem andar; esta peregrinação vai-me libertar; estou muito feliz por fazer esta peregrinação.

Hei de encontrá-lo mais tarde, quase no fim da longa rampa que nos leva da Capelinha ao Santuário Senhora da Saúde, quase no fim do caminho. Trocamos olhares, ele sorriu e perante a minha aproximação antecipou a pergunta, verbalizando a sua expressão facial: “sinto-me bem, sinto-me muito bem. Até para o ano”.

Todos os anos vem Carolina, com colegas de trabalho e amigas, também professoras, fazer esta peregrinação. Este ano veio com o filho, que entrou para a faculdade. É com a sua família nuclear que vai todos os anos à Senhora de Fátima, pela qual tem uma grande devoção. “É uma viagem de família. Aqui é diferente, nunca pensei muito nisso, mas sinto-me bem a fazer esta caminhada; faz-me bem; sinto-me muito bem quando chego a Laúndos”. Apesar dos olhos de Carolina se esconderem atrás dos óculos de sol, transparece alguma emoção quando fala sobre o que sente ao chegar ao Santuário. Ao longe ouve-se um grupo em oração.

Se alguns peregrinos gravitam em torno da família mais ou menos nuclear, outros gravitam em torno de uma mulher que dirige orações. Forma-se um pequeno grupo atrás da crente que marca o ritmo dos passos e das orações. “Eu vou em oração, não vou em passeio”, diziam-me, noutros momentos, outras crentes da Senhora da Saúde. Contudo, a maioria não vai em oração, pelos menos audível. Particularmente aqueles que estão mais afastados do andar da Senhora da Saúde vão em silêncio, um ou outro com *headphones* nos ouvidos, e há muitos a conversar sobre os mais diversos temas, boa parte das vezes, sem qualquer proximidade com a religião. “Se ele queria andar com outra, divorciava-se da mulher”, dizia uma mulher a um homem, com o qual caminhava de mão dada. “Foi um caso sem importância e depois tem os miúdos...”, argumentava o companheiro. Mais atrás, uma mãe dizia a

um jovem de treze, catorze anos, que ele tinha que se aplicar mais na escola. Um pouco mais na retaguarda, um homem com mais de sessenta anos, acompanhado, talvez da esposa, dizia a uma mulher, um pouco mais nova: “a reforma não dá para nada, é tudo para a farmácia”. Próximo, dois homens falam de futebol – “o Ronaldo é um peneireto”, dizia um deles.

Uma boa parte das pessoas que fazem a peregrinação usa roupa desportiva. Fatos desportivos e sapatilhas são dominantes na indumentária dos peregrinos, mas há mulheres que caminham descalças. Há mulheres que levam terços nas mãos, e um homem, de cerca de vinte anos, tem um terço, azul, enrolado num braço.

Alguns duplicam o exercício. À medida que a peregrinação avança são cada vez mais os peregrinos que fazem o percurso inverso. Ou seja, já fizeram o percurso da Póvoa a Laúndos de cerca de oito quilómetros a pé, habitualmente antes do andar, e agora, voltam também a pé, para a Póvoa. É nesta segunda viagem que se cruzam com a Senhora. Fazendo o percurso principal, seguindo a Senhora da Saúde, temos homens, mulheres, novos, velhos, crianças e “muita juventude”, como me disseram alguns peregrinos mais velhos, “cada vez mais gente”, como me disseram outros. A realização do percurso complementar apresenta-se, geralmente, depurado dos mais velhos e dos mais novos, salvo os que viajam em carrinhos de bebé.

A viagem principal é feita por muito peregrinos. Trinta, quarenta mil pessoas, são números que diversas vezes são atribuídos a esta peregrinação, mas é difícil a quantificação por vários motivos, principalmente porque os crentes estão em movimento. Claro que na missa campal, que se realiza no recinto do Santuário, depois da chegada da Senhora da Saúde a Laúndos, as pessoas estão paradas, o que facilitaria a contagem. Contudo, os crentes que ficam para as cerimónias são uma pequena parte daqueles que fazem a peregrinação. Muitos peregrinos avançam para a estrada antes de aparecer a imagem da Senhora, muitos mais depois. Diversas comunidades nas margens deste percurso não partem da Póvoa, mas afluem ao leito principal da peregrinação. Por fim, independentemente da presença da imagem da Senhora no Santuário ou do decurso das cerimónias, muitos peregrinos vão chegando, pagam as suas promessas e partem. Por tudo isto não é fácil avançar com um número, aliás nem será o mais importante, talvez seja suficiente dizer aquilo que me disseram muitos peregrinos, “é uma peregrinação que leva muita gente”.

No fim de toda a gente, na cauda da peregrinação, segue, a passo lento, António, disponível para *empurrar* quem precisar. António é bombeiro,

voluntário, como fez questão de me dizer, caminha junto à ambulância dos bombeiros, a sua missão é não deixar ninguém para trás. Todos os anos ajuda sempre algum peregrino, como há dois anos, quando fez todo o caminho a acompanhar um homem velho e doente, pois pensava que não chegaria a Laúndos. Agora espera que a Senhora o ajude, pois faz a peregrinação pela sua saúde. Mas, como outros peregrinos, António começou em criança a fazer a peregrinação: “eu era miúdo e vinha sempre com a minha falecida mãe, e continua, vão sempre muitas crianças, as mães habituam-nos e depois os filhos continuam”.

### **Nota final**

Quando observamos o mapeamento dos lugares de culto da Senhora da Saúde em Portugal, torna-se evidente a sua dimensão e a sua dispersão. A ancoragem da revisão bibliográfica e do trabalho de terreno permitem afirmar a atualidade desta devoção, bem como sustentar que o movimento dos crentes, e de imagens, foi o principal catalisador do culto à Senhora da Saúde em Portugal e, provavelmente, o fez chegar ao Brasil.

Ora, como foi mostrado ao longo do texto, a abordagem de fenómenos religiosos, através da ótica do movimento, deve estar caucionado por uma aproximação genealógica a fenómenos com o mesmo *parentesco*, concretamente, *a peregrinação*. Portanto, o culto à Senhora da Saúde não só emergiu do movimento de crentes, e de imagens, como também é o mesmo movimento que torna a sua devoção atual, nomeadamente através de procissões e peregrinações aos seus lugares de culto, como é o caso de Laúndos.

Claro que a forma como os peregrinos caminham até Laúndos pode variar bastante, como igualmente são diversas as suas motivações. Se, para uns, a viagem é uma expressão de devoção, condensada num *terço*, para outros, aproxima-se de uma atividade desportiva, condensada no *fato de treino*, todavia, todos caminham até a um lugar santuário da Senhora da Saúde de Laúndos. Mais ainda, todos procuram *saúde*<sup>23</sup>, agradecendo-a ou pedindo-a, para si ou para sua família, até mesmo considerando os benefícios para a saúde em fazer o percurso a pé.

---

<sup>23</sup> Aqui o conceito de *saúde* deve ser entendido de uma forma abrangente, aproximando daquele que é proposto pela Organização Mundial de Saúde, “a saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade” (1946, p. 1).

Assim, não descurando a *polifonia dos discursos* dos caminhantes, dos agentes eclesíasticos, entre outros atores, e que se prolonga para o espaço do santuário, transformando-o numa “arena de discursos” (EADE e SALLNOW 1991, p. 2), todos os anos, na manhã do mesmo dia, todas estas pessoas caminham até ao mesmo lugar. Ainda que Laúndos seja um lugar *geograficamente periférico*, naquele dia torna-se *simbolicamente central*, como se nele passasse o *axis mundi*, conferindo-lhe uma “energia da vida”, que poderia ser absorvida por quem neles penetre (ELIADE, 1994, p. 465-467), ou um “magnetismo espiritual”, ou seja, “o poder que um santuário de peregrinação possui para atrair devotos” (PRESTON, 1992, p. 33).

Em Laúndos, como na generalidade dos lugares de culto, todos os anos, no *seu dia de festa*, com o movimento cíclico dos peregrinos, e das imagens, e todos os dias, com a devoção dos crentes, a devoção ancestral a esta invocação da Virgem mantém-se viva e expressiva em todo o território português, fazendo do culto à Senhora da Saúde um dos maiores de Portugal.

## Referências

- AGUIÃ, S. A Imaculada Conceição: Padroeira e Rainha de Portugal e de todos os povos de língua portuguesa. In: Saint-Laurent, T. **A Virgem Maria**. Porto: Civilização, 1996.
- ANDREU, G. Peregrinaciones egipcias. In: Poupard, P. (dir.). **Diccionario de las Religiones**. Barcelona: Editorial Herder, 1987.
- APOLITO, P. **The Internet and the Madonna**: Religious visionary experience on the web. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- BARROSO, P. **Romarias de Guimarães**: património simbólico, religioso e popular. s. l.: Núcleo de Estudos de População e Sociedade, 2004.
- BIGOTTE, J. Q. **Monografia da cidade e concelho de Seia**. Seia: s.n., 1992.
- BOORD, M. O Budismo. In: HOLM J.; BOWER J. (coord.). **Lugares Sagrados**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1999.
- BORGES, J. A. **Aguçadoura**: Monografia. Aguçadoura: Edição do Centro Social Paroquial de Aguçadoura, 1990.
- BRIÈRE, J. Les racines bibliques du pèlerinage chrétien. In: CHÉLINI, Jean; BRANTHOMME, Henry (dir.). **Les Chemins de Dieu**: Histoire des pèlerinages chrétiens des origines à nos jours. Paris: Hacette, 1995.

CLAVERIE, E. **Les Guerres de la Vierge**: Une anthropologie des apparitions. Paris: Gallimard, 2003.

DELAHOUTRE, M. Peregrinaciones búdicas. In: POUPARD, P. (dir.). **Diccionario de las Religiones**. Barcelona: Editorial Herder, 1987.

DELEURY, G. Peregrinaciones hindúes. In: Poupard, P. (dir.). **Diccionario de las Religiones**. Barcelona: Editorial Herder, 1987.

DUPRONT, A. Peregrinación. In POUPARD, P. (dir.). **Diccionario de las Religiones**. Barcelona: Editorial Herder, 1987.

EADE, J.; SALLNOW, M. Introduction. In: EADE, J.; SALLNOW, M. (ed.). **Contesting the Sacred**: The Anthropology of Christian Pilgrimage. London: Routledge, 1991.

ELIADE, M. **Tratado de História das Religiões**. Porto: Asa, 1994.

FERREIRA, A. G. **Dicionário de Latim-Português**. Porto: Porto Editora, 1995.

GIESTA, R. **A Senhora da Saúde de Vilar de Perdizes**: Memória e História de um Santuário Raiano. 1999. Tese de mestrado. Universidade do Minho. Braga.

GIESTA, R. Nossa Senhora da Saúde: um santuário seiscentista no planalto do Barroso. In: Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias. **Em torno dos espaços religiosos**: monásticos e eclesíásticos, 2004, Porto. Porto: Instituto de História Moderna - Universidade do Porto, 2005, p. 155-166.

GIL, J. **Nossa Senhora de Portugal**: santuários marianos. Lisboa: Intermezzo, 2003.

HARRIS, R. **Lourdes**: Body and Spirit in Secular Age. Nova Iorque: Allen Lane – The Penguin Press, 1999.

HERMKENS, A.; JANSEN, W.; NOTERMANS, C. (eds.). **Moved by Mary**: The Power of Pilgrimage in the Modern World. Surrey: Ashgate, 2009.

HERVIEU-LÉGER, D. **O Peregrino e o Convertido**: A Religião em Movimento. Lisboa: Gradiva, 2005.

HULIN, M.; KAPANI, L. O Hinduísmo. In: DELUMEAU, J. (dir.). **As Grandes Religiões do Mundo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

JAMES, E. O. **Le Culte de la Déesse-Mère dans l'histoire des Religions**. Paris: Payot, 1960.

JANA, I. **Histórias à lareira**. Abrantes: Palha de Abrantes, 1997.

JORNAL DE NOTÍCIAS. 50 mil esperados na Senhora da Saúde: Póvoa de Varzim, **Jornal de Notícias**, p. 19, 27 de maio de 2012.

Le GOFF, J. **A civilização do Ocidente medieval**. Vol. II, Lisboa: Estampa, 1995.

LEROI-GOURHAN, A. **O Gesto e a Palavra II**: Memória e Ritmo. Lisboa: Edições 70, 1987.

LIMA, J. Santuários, lugares de peregrinação em Portugal. In: **Communio: Revista Internacional Católica**. Ano XIV, nº 4, p. 345-362, 1997.

LONGA PEREZ, M. El viaje como experiencia y símbolo: consideraciones en torno a la peregrinación y al turismo religioso. In: **Compostellanum, Revista de la Archidiócesis de Santiago de Compostela**. Santiago de Compostela: Sección de Estudios Jacobeos, vol. XXXVIII, nº 3-4, julio-diciembre, p. 505-544, 1993.

LOPES, D. A Grande Peregrinação (1944-2003): Subsídios para a sua história. **S. Miguel: Boletim da Comunidade de S. Miguel**, maio, nº 247, p. 2-3, 2003.

LOPES, D. **Monografia da freguesia de São Miguel de Laúndos**. Póvoa de Varzim: s/n, Sep. Bol. Cult. Póvoa de Varzim, 1984.

LOPES, D. **Monografia da Freguesia de São Miguel de Laúndos**: Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. 2006.

MARKALE, J. **La Grande Déesse**. Paris: Albin Michel, 1997.

MATTOSO, J. O tempo hispânico e a ‘invenção’ de São Tiago. In: **Communio - Revista Internacional Católica**, Ano XIV, nº 4, p. 363-374, 1997.

MESLIN, M. **L’Expérience Humaine du Divin**. Paris: Cerf, 1988.

MONTEIRO, J. **Monografia de Tabuaço**. Tabuaço: Câmara Municipal de Tabuaço, 1991.

NEUMANN, E. **The Great Mother**. New York: Routledge & Kegan Paul, 1963.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde**, p. 1-14, 1946.

PEREIRA, P. A Minha Senhora da Saúde: O processo de apropriação individual da Senhora da Saúde de Touvedo. **(con)textos, revista d’antropologia i investigació social**, Departament d’Antropologia Cultural i Història d’Amèrica i Àfrica (Universitat de Barcelona), p. 59-73, 2008.

PEREIRA, P. Em Busca da Saúde: o recurso à Senhora da Saúde como estratégia para lidar com a doença e para promover a saúde. In: **Revista Santuários**, Vol. 1, nº 1, p. 222-226, 2014-a.

PEREIRA, P. One image, one Virgin and one believer: proximity and change in the cult of Our Lady of Health. **Diálogos com a Arte: revista de arte, cultura e educação**, nº 4, 57-60, 2014-b.

PEREIRA, P. Uma imagem é uma imagem, mas...: O processo de humanização das imagens da Senhora da Saúde. In: **Revista Santuários**, Vol. 1, nº 2, p. 171-175, 2014-c.

PEREIRA, P. Aparição, doença e devoção: a emergência do culto à Senhora da Saúde em Portugal, **Revista de Estudos Regionais**, II série, nº 10, p. 171-179, 2016.

PEREIRA, P. O início e o fim do culto: uma genealogia do culto à Senhora da Saúde em Portugal, **Revista de Estudos Regionais**, II série, nº 11, p. 193-205, 2017.

PEREIRA, P.; BRAGA, M. A arte na rua: Senhora da Saúde, Subidouro, Maia – Portugal - expressões religiosas e artísticas na preservação do património cultural local, **MEMORIA-MEDIA Review** 2. e-Expo.1, 2017. Disponível em: [http://memoriamedia.net/pdfarticles/PT\\_MEMORIAMEDIA\\_REVIEW\\_A\\_arte\\_na\\_rua.pdf](http://memoriamedia.net/pdfarticles/PT_MEMORIAMEDIA_REVIEW_A_arte_na_rua.pdf).

PIMENTEL A. **História do Culto de Nossa Senhora em Portugal**. Lisboa: Guimarães, Líbano & C.<sup>a</sup>, 1899.

PRESTON, J. Spiritual Magnetism: An organizing principle for the study of pilgrimage. In: MORINIS, A. (ed.). **Sacred Journeys: The anthropology of pilgrimage**. London: Greenwood Press, 1992.

PRZYLUKSKI, J. **La Grande Déesse: étude comparative des religions**. Paris: Payot, 1950.

RAPHAËL, F.; HERBERICH-MARX, G. Les Pèlerinages. In: LENOIR, F.; MASQUELIER, Y. (dir.). **Encyclopédie des Religions: 2**. Paris: Bayard Éditions, 1997.

ROSSO, S. Peregrinações. In: FIORES, S.; MEO, S. (dir.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

ROUSSEL, R. **Les pèlerinages a travers les siècles**. Paris: Payot, 1954.

ROUSSEL, R. **Les pèlerinages**. Paris: PUF, 1956.

SANCHIS, P. Les Romarias portugaises. **Archives des sciences sociales des religions**, Vol. 43, nº 1, p. 53–76, 1977.

SANTA MARIA, A. **Santuário Mariano: História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora**. Tomo V, Lisboa: Oficina de António Pedrozo Galram, 1716.

SARRÓ, R.; BLANES, R. Apresentação: religião, espaço e movimento. **Análise Social**, Vol. XLIV, nº1, p. 5-13, 2009.

SAUZET, R. Contestation et renouveau du pèlerinage ao début des temps modernes (XVI<sup>e</sup> et début du XVII<sup>e</sup> siècle). In: CHÉLINI, J.; BRANTHOMME, H. (dir.). **Les Chemins de Dieu: Histoire des pèlerinages chrétiens des origines à nos jours**. Paris: Hacette, 1995.

SIGAL, P. A. L'apogée du pèlerinage médiéval: les XIe, XIIe et XIIIe siècles. In: CHÉLINI, J.; BRANTHOMME, H. (dir.). **Les Chemins de Dieu**: Histoire des pèlerinages chrétiens des origines à nos jours. Paris: Hacette, 1995.

SINCLAIR, K. P. Mission to Waitangi: A Maori Pilgrimage. In: MORINIS, A. (ed.). **Sacred Journeys**: The Anthropology of Pilgrimage. London: Greenwood Press, 1992.

SKULTANS, V. Affliction: an overview. In: JONES, L. **Encyclopedia of Religion**. Detroit: Macmillan, vol. 1, 2005.

TAVARES, A. **Pessegueiro do Vouga**: das origens à actualidade. Aveiro: Estante Editora, 1989.

TAVARES, J. Tradições do Distrito de Aveiro: Romaria de Nossa Senhora da Saúde da Serra. **Arquivo do Distrito de Aveiro**, vol. 12, nº 48, p. 304-312, 1946.

TWEED, T. A. **Our Lady of the Exile**: Diasporic Religion at a Cuban Catholic Shrine in Miami. Oxford: Oxford University Press, 2002.

VASCONCELOS, J. **Romarias I**: um inventário dos santuários de Portugal. Lisboa: Olhapim, 1996.

VASCONCELOS, J. **Romarias II**: um inventário dos santuários de Portugal. Lisboa: Olhapim, 1998.

VAZ, M. Património Histórico-Artístico. In: **Loures**: Tradição e Mudança - I Centenário da formação do Concelho 1886-1986. Vol. I, Loures, 1986.

WOLF, E. R. The Virgin of Guadalupe: A Mexican national symbol. **The Journal of American Folklore**, Vol. 71, nº 279, p. 34-39, 1958.

Submetido em: 23-4-2019

Aceito em: 24-8-2019